



ID: 81694190

19-07-2019

PORTO ACOLHEU O I CONGRESSO MUNDIAL DE REDES DA DIÁSPORA PORTUGUESA

Diáspora lusa é uma “poderosa rede global” que o país tem de ser “capaz de articular”

A criação de numa plataforma “articulada e de cooperação” das redes da comunidade portuguesa espalhadas pelo mundo foi o objetivo do I Congresso Mundial de Redes da Diáspora Portuguesa. Organizado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, reuniu no dia 13 deste mês, no Auditório da Ordem dos Contabilistas Certificados, no Porto, representantes da diáspora em seis áreas de atividade, vindos de 36 países: associativismo, ciência e conhecimento, economia e desenvolvimento, cidadania e luso-eleitos, gabinetes de apoio local e comunicação social.



O I Congresso Mundial de Redes da Diáspora Portuguesa pretendeu “reconhecer e divulgar o valor das várias redes da Diáspora em todas as suas geografias e formatos institucionais e valorizar a sua função enquanto elementos de integração de Portugal no mundo”, referia uma nota divulgada pelo gabinete da Secretária de Estado das Comunidades na véspera do encontro.

“O desejável é que estas redes comecem a trabalhar conjuntamente. Esse é o objetivo futuro: que as redes não trabalhem de ‘per se’. Sejam capazes de se conhecer e de trabalhar articuladamente e em cooperação”, acrescentou à Lusa o secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, no dia do evento.

Estiveram no Porto “mais de 500” representantes e protagonistas das diversas redes dos portugueses da diáspora num encontro que deverá permitir ao Governo “avaliar o percurso que foi desenvolvido durante esta legislatura” junto das comunidades, segundo José Luís Carneiro.

Na sessão de abertura marcaram presença, o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, o primeiro ministro, António Costa, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva, o secretário de Estado das Comunidades e a bastonária da Ordem dos Contabilistas Certificados, Paula Franco.

José Luís Carneiro defendeu que é

“muito significativo” que este encontro tenha reunido “portugueses que estão eleitos nos Estados Unidos, em França, na Austrália, na África do Sul”, com empresários que promovem Portugal “todos os dias” e geram investimentos para o país, com jovens investigadores “que podem dar um contributo imenso, nomeadamente a essas estruturas empresariais”.

“O encontro de todas estas redes é muito significativo e não deixará de produzir efeitos estratégicos futuros”, afirmou José Luís Carneiro.

UMA “PODEROSA REDE GLOBAL”

As redes da diáspora portuguesa são uma “poderosa rede global” que o

país tem de ser “capaz de articular”, reforçando a “proximidade” com as suas comunidades emigrantes espalhadas pelo mundo. Na abertura do congresso, o primeiro-ministro defendeu que a diáspora lusa deve ser valorizada o seu contributo em setores como as exportações portuguesas.

“Esta aproximação é de extrema importância. O conjunto destas redes é uma poderosa rede global que temos de ser capazes de articular, desde logo dentro dos novos espaços económicos regionais”, afirmou António Costa.

De acordo com o chefe de Governo, o fortalecimento das relações entre as várias redes da diáspora portuguesa é importante no espaço da União Euro-

MARCELO REBELO DE SOUSA AFIRMA SER ESTE O DESAFIO QUE O “PREOCUPA MAIS”

Presidente da República diz que diáspora deve ser “prioridade global” dos portugueses

Para o Chefe de Estado, o “grande desafio” do país é colocar a diáspora como “prioridade global” dos residentes em território nacional, porque a presença dos portugueses “no mundo” é uma das razões pelas quais eles “são muito bons”. “Há aqui uma luta cultural que é um desafio para a diáspora também: explicar aos portugueses que somos muito bons e que uma das razões para isso tem a ver com a nossa presença no mundo”, disse Marcelo Rebelo de Sousa no Porto, na sessão de abertura do I Congresso Mundial de Redes da Diáspora Portuguesa.

Afirmou que este é o desafio que o “preocupa mais” e para o qual não tem encontrado “solução”, porque para os

portugueses residentes em Portugal a emigração é um “problema e vivência pessoal, mas não uma prioridade global”. “Não havendo uma família em Portugal que não viva diariamente esta diáspora, no dia a dia os portugueses que vivem em Portugal acham isso tão natural que o problema não é uma prioridade para eles a nível nacional”, explicou Marcelo Rebelo de Sousa.

O Presidente da República defendeu, por isso, a importância de “fazer entender aos 10 milhões (de portugueses) que vivem aqui (em território nacional) que é de um valor nacional incalculável somar mais 10 ou 12 ou oito milhões que, lá fora, são essenciais para o que todo o mundo pensa sobre Portugal”.

De acordo com o chefe de Estado, a emigração é considerada em Portugal “tão natural como respirar”, mas deve ser alvo de “atenção”, porque é “muito importante” para o país. “Temos, na história, a vocação de ser plataforma entre continentes e oceanos. Somos dos melhores do mundo nisso. Todos os dias, em todo mundo, portugueses são capazes de estabelecer pontes e fazer diálogo”, frisou.

Marcelo Rebelo de Sousa apontou ainda outro “grande desafio” quanto aos portugueses espalhados por 178 países. É preciso “cruzar” as várias emigrações portuguesas, “na medida do possível, para que se não queixe a geração mais antiga, a intermédia ou a mais nova”.



peia e das suas relações com o Canadá, mas também quando na América do Norte "se constitui a NAFTA (Tratado Norte-Americano de Livre Comércio)" ou, na América do Sul, se organiza o Mercosul (Mercado Comum do Sul)".

"Quando, na América do Norte, se constitui a NAFTA, é importante que comunidades portuguesas possam ter uma relação forte entre si", afirmou o primeiro-ministro, frisando que o mesmo é válido quando, "na América do Sul se organiza o Mercosul".

De acordo com o primeiro-ministro, "quando, ainda recentemente, se abriu o espaço económico africano", tal "foi uma enorme oportunidade para as comunidades portuguesas residentes nos diversos espaços de África se articularem entre si".

Costa considerou como uma "realidade absolutamente essencial" a "valorização do contributo da economia da diáspora", por ser um elemento importante para o crescimento das exportações portuguesas.

"De cada vez que a União Europeia (UE) celebra um acordo de comércio livre com o Canadá ou o Mercosul, é uma extraordinária oportunidade para perceber que a presença de Portugal na UE e a presença de cada um de vós em cada um desses espaços económicos cria um enorme espaço para desenvolvermos e reforçarmos as relações entre todos", disse o primeiro-ministro.

O primeiro-ministro destacou, ainda, os "cinco eixos" da diáspora que o Governo procurou desenvolver nos últimos anos.

A aprovação da nova lei da nacionalidade, "que agilizou a obtenção de nacionalidade portuguesa por parte dos netos das comunidades mais antigas", e o recenseamento eleitoral automático foram dois aspetos destacados por António Costa.

De acordo com o governante, o "reforço dos vínculos" com as comunidades portuguesas no mundo tem sido feito, também, por "atos simbólicos", designadamente decidindo que as ce-

lebrações do Dia de Portugal deixam de ser feitas exclusivamente em território nacional.

A melhoria e o "esforço de modernização dos serviços administrativos" junto das comunidades e o desenvolvimento de 157 gabinetes de apoio ao emigrante também foram mencionados pelo primeiro-ministro. Destacou também a "valorização da língua" e da cultura, lembrando a criação de mecanismos de "apoio e incentivo" para "quem deseja regressar".

TRABALHAR "SEM PARTIDARIZAÇÃO"

Já o secretário de Estado das Comunidades Portuguesas admitiu "momentos difíceis no percurso", mas disse que em todos eles foi "possível um trabalho de cooperação entre os serviços do Estado", e pediu a continuidade desse trabalho, sem partidização.

"Tem havido circunstâncias difíceis que exigiram muito dos serviços consulares, do parlamento e do Governo, para garantir a presença do Estado português nos momentos de profundas dificuldades em que o que estava em causa era a sobrevivência das pessoas. Nesses momentos, foi possível um trabalho de cooperação entre todos os serviços", afirmou José Luís Carneiro, no discurso de encerramento do I Congresso Mundial das Redes da Diáspora Portuguesa, que decorreu no Porto.

O responsável nomeou "atentados terroristas, acidentes rodoviários e ferroviários e alterações climáticas" como algumas dessas circunstâncias, agradecendo as recomendações que ouviu durante o dia 13, reconhecendo que estas têm de fazer parte de um "corpo de compromisso para quem tenha a responsabilidade, no futuro", de dar "continuidade ao esforço desenvolvido" há muitos anos.

"(É necessário) ir trabalhando diariamente e de uma forma institucional, sem partidização das soluções de serviço ao Estado e aos portugueses no estrangeiro, para garantir que somos

DESTACOU AINDA O APOIO AOS PORTUGUESES NA VENEZUELA

Representante da diáspora defende reforço do gabinete das Comunidades

"O Presidente (da República) falou em 10 milhões de emigrantes, temos cerca de 250 deputados a tratar dos assuntos de Portugal e dos portugueses residentes, e temos quatro ou cinco pessoas a trabalhar para 10 milhões de portugueses lá fora. As vezes é muito difícil e ingrato o seu trabalho. De uma maneira ou de outra, temos de melhorar essa parte", apelou Aleixo Vieira, da Venezuela, no final da sua intervenção.

Ainda antes, o fundador do jornal Correio da Venezuela e também membro do Conselho da Diáspora, enalteceu o trabalho que tem sido desempenhado pela embaixada portuguesa na Venezuela, pelo diretor-geral dos Assuntos Consulares e das Comunidades Portuguesas, Júlio Vilela, e pelo secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, José Luís Carneiro.

"Têm estado preocupados com a proximidade dos consulados com a comunidade portuguesa. Nos momentos bons estávamos desamparados, nos menos bons temos sentido o carinho e apoio das utilidades portuguesas. Tem sido (um apoio) incondicional, estão do nosso lado e preocupados, através das diversas iniciativas e visitas. Agradecemos, a comunidade sente e transmite e é isso que transmitimos a partir do jornal também", afirmou.

Salientou igualmente que, para existir eventos como um encontro de gerações, "tem de haver muito cuidado e aceitação de Portugal", sobretudo dos interlocutores na Venezuela, "nes-

te caso, a embaixada e consulados", admitindo que em ambos os casos "estão muito bem servidos".

"O embaixador é muito preocupado com a nossa comunidade e o que fazemos, promove atos culturais que enaltecem a nossa portugalidade. O secretário de Estado tem sido uma pessoa incondicional. Nos momentos difíceis é quando aparecem verdadeiros amigos. O Dr. Júlio Vilela (diretor-geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas) tem sido uma pessoa preocupada com os consulados, os programas e a proximidade deles com os portugueses na Venezuela", destacou.

Aleixo Vieira fundou o Correio da Venezuela há 20 anos, "uma experiência gratificante" que criou a oportunidade de "conhecer a comunidade portuguesa na Venezuela" e "perceber aquilo que é o grande tesouro: as segundas, terceiras e quartas gerações de emigrantes".

"Tentamos ressaltar aquilo de bom que (os portugueses) fazem e que geralmente é tudo. Os portugueses na Venezuela são muito ativos, trabalhamos muito no associativismo, destacamos a luso-descendência, a parte desportiva... um pouco de tudo. Não sentimos tanto a falta de compra de jornais, porque pensamos que Portugal é um só. Portugal une-se para tratar os assuntos da diáspora e isso para nós é gratificante. Perceber que a política faz-se num sentido de agradar as nossas comunidades", explicou.

um país só, disperso por várias regiões e geografias, porque é essa força que faz de Portugal um grande país", prosseguiu.

ADAPTAÇÃO AS MUDANÇAS NA EMIGRAÇÃO

Por outro lado, o ministro dos Negócios Estrangeiros considerou que um dos principais desafios é encontrar a melhor forma para as redes da diáspora se articularem e trabalharem melhor em conjunto.

"Como é que as várias redes de que hoje dispomos a rede consular, órgãos de comunicação social portugueses e de língua portuguesa, rede consular e diplomática, das associações, das academias, dos luso-eleitos e das comunidades profissionais - como pomos estas redes em contacto, como trabalhamos mais uns com os outros para melhorar, potenciar e aumentar qualitativamente o impacto da nossa ação", questionou Augusto Santos Silva.

O governante perguntou ainda como é que nos adaptamos à mudança na emigração portuguesa e nas comunidades portuguesas, lembrando que sucessivas vagas de emigrantes de

portugueses foram também constituindo comunidades radicadas no estrangeiro. "E todos nos pertencem, aqueles que partiram, mas também os seus filhos, seus netos, seus parentes e seus familiares, são todos eles que fazem as comunidades portuguesas residentes no estrangeiro", frisou.

Outra das questões prende-se com a forma como o país organiza os seus serviços para responder às necessidades dos emigrantes, mas também aos seus anseios, propostas e projetos, realçou. Existem hoje milhares de jovens em mobilidade para os quais a Europa é o seu mercado de trabalho e o seu lugar de residência natural, assim como centenas de milhares de pessoas que enriquecem o nome de Portugal no estrangeiro através do seu trabalho, empreendimento e participação cívica, salientou.

O governante interrogou ainda como é que o país vai consolidando e aprofundando a ligação das comunidades portuguesas com Portugal e vice-versa, como atrai investimento oriundo da diáspora e como utiliza as redes de profissionais, de investigadores ou de estudantes.



“(É necessário) ir trabalhando diariamente e de uma forma institucional, sem partidização das soluções de serviço ao Estado e aos portugueses no estrangeiro, para garantir que somos um país só, disperso por várias regiões e geografias, porque é essa força que faz de Portugal um grande país”, defendeu José Luís Carneiro